

TRABALHO CIENTÍFICO - EIXO III: ATENÇÃO À MULHER NO CICLO  
GRAVÍTICO PUERPERAL

**DESAFIOS DO ACESSO AO PRÉ-NATAL INDÍGENA NA AMAZÔNIA  
BRASILEIRA**

*Mayara Farias Azedo (mayara.fazedo90@gmail.com)*

*Milianne Souza Dos Santos (diversoscursos.ms@gmail.com)*

*Fabiane Veloso Soares (fabiane.soares@ulbra.br)*

Introdução: O Pré-natal é um processo fundamental para a saúde tanto da mãe quanto do bebê, e esse processo não é diferente para as mulheres indígenas. Contudo, existem alguns fatores culturais, geográficos e socioeconômicos que podem afetar o acesso e a qualidade do pré-natal nesse contexto. É crucial que os serviços de saúde sejam adaptados para atender as necessidades específicas das mulheres indígenas, respeitando suas tradições e cultura, porém as barreiras geográficas dificultam a assistência necessária nesse período, como em casos de grandes complexidades, onde são percorridas as longas distâncias de barco ou avião (Vieira, 2023). Como se não bastasse a distância física, a população indígena, principalmente os nativos, não tem o conhecimento da importância da realização do pré-natal, precisando ser trabalhado a importância entre eles, permitindo a identificação precoce de problemas que podem afetar a saúde materna e infantil (Seixa, 2023). Dessa forma, ao ofertar atenção ao pré-natal para mulheres indígenas, é reconhecida e respeitada a importância das práticas tradicionais de cuidados com a gravidez e o parto dentro das comunidades indígenas. É importante considerar que investir na atenção ao pré-natal para essa população é ajudar a reduzir as

desigualdades de saúde, promovendo a equidade em saúde e o respeito aos direitos reprodutivos de todas as mulheres, independentemente de sua origem étnica. Objetivo: Mapear o acesso aos serviços de pré-natal por mulheres indígenas na amazônia brasileira, além de descrever diferentes dados sobre o atendimento de pré-natal as mulheres indígenas na amazônica brasileira e apresentar dados sobre a resolutividade pela rede de atenção ao pré-natal indígena. Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método de pesquisa que abrange a seleção da questão norteadora, define os critérios para a seleção da amostra e a busca na literatura, além da avaliação, análise dos dados e apresentação dos resultados. Dessa forma, a pesquisa foi orientada a partir da seguinte questão: Como é o acesso ao pré-natal da mulher indígena na Amazônia brasileira? As buscas foram realizadas nas bases de dados: Scielo, Pubmed e BDEnf, por meio de termos cadastrados no site dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): gestantes, indígenas, amazônia, Estados da amazônia, amazônia brasileira e saúde materno-infantil. Realizou-se o cruzamento a partir do operador booleano “and” a fim de obter uma busca mais específica. Foram aplicados os seguintes critérios de elegibilidade: artigos disponíveis em meio eletrônico, textos completos que abordam o assunto, nos idiomas português e inglês, revisões bibliográficas, ensaios clínicos e publicados a partir de 2017. E como critérios de exclusão foram aplicados: livros, artigos que não estejam na íntegra e em outros idiomas, fora do período pesquisado, estudos duplicados nas bases de dados e que não atendessem a temática proposta. A análise dos dados incluiu a análise prévia, exploração do material e tratamento dos dados, seguida da interpretação dos resultados e definição das categorias temáticas do estudo. Resultados: Foram localizados 42 artigos usando a metodologia empregada. Destes, foram removidos 18 artigos duplicados e 11 que não atendiam aos critérios de elegibilidade. Foram selecionados 13 artigos após leitura detalhada e selecionados como amostra final. Discussão: Acesso aos serviços de pré-natal por mulheres indígenas na Amazônia Brasileira: As mulheres indígenas enfrentam dificuldades significativas para acessar os serviços de pré-natal devido à distância das comunidades até os centros de saúde de Porto Velho (RO) (Sucupira, 2018). Também em Rondônia, a mulher indígena sofre uma clara falta de assistência, sendo a região norte a mais afetada, com resultados evidentes de desigualdade na prestação a assistência ao pré-natal (Conrado et al., 2022). A realização do pré-natal em Assis Brasil (Acre) tem sido comprometida por uma série de fatores, incluindo a falta de transporte adequado para as gestantes indígenas ao centro hospitalar (Arruda, 2020). No

município de Oiapoque no Amapá, o trabalho de parto e nascimento domiciliar assistido por parteiras tradicionais é muito reconhecido e valorizado nas comunidades indígenas. Ao optarem pelo parto tradicional, as mulheres Palikur ficam sobre a responsabilidade da parteira, desde os cuidados que devem ter no período da gestação até o nascimento da criança (Iaparrá, 2019). O acesso ao pré-natal é crucial para garantir uma gravidez com poucos riscos para a mãe e bebê, e na redução da mortalidade de ambos. Sendo uma ferramenta importante para as mulheres indígenas na Amazônia, o acesso pode ser desafiador devido à distância das comunidades remotas aos centros de saúde, barreiras linguísticas e culturais, além de questões socioeconômicas (Garnelo et al., 2019). Os desafios persistentes enfrentados pelas gestantes indígenas para acessar os serviços de pré-natal, incluem barreiras linguísticas, a falta de profissionais de saúde culturalmente sensíveis e distância geográfica dos centros de saúde (Silva et al., 2023). Apesar de algumas melhorias nos últimos anos, a cobertura do pré-natal ainda é menor entre as mulheres indígenas do que entre as mulheres não indígenas, e a qualidade do atendimento também apresenta deficiência (Garnelo et al., 2019). A invisibilidade social e a falta de políticas públicas direcionadas às mulheres indígenas agravam os desafios para o acesso ao pré-natal de qualidade (Mendes et al., 2023); Atendimento de pré-natal a mulheres indígenas na Amazônia Brasileira: O Primeiro Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas revela lacunas significativas no atendimento de pré-natal às mulheres indígenas na Amazônia brasileira, indicando a necessidade de políticas e programas específicos para melhorar o acesso e a qualidade dos cuidados de saúde materna (Garnelo et al., 2019). A cobertura do pré-natal para mulheres indígenas no Brasil em 2008 era de 90,4%, mas apenas 30% iniciaram o pré-natal no 1º trimestre e 60% das elegíveis foram vacinadas contra difteria e tétano (Garnelo et al., 2019). A falta de protocolos específicos para o atendimento pré-natal de mulheres indígenas, considerando suas necessidades e expectativas culturais, resulta em um atendimento inadequado e ineficaz (Dias-Scopel et al., 2017), além da infraestrutura precária dos postos de saúde em áreas indígenas, com falta de recursos e equipamentos básicos, compromete a qualidade do atendimento pré-natal (Sucupira, 2018). Atualmente o atendimento ao pré-natal é um grande problema de saúde pública para mulheres indígenas, pois persiste uma grande dificuldade na assistência à saúde, devido à falta de informação das mães que não compreendem os riscos e a falta de ida ao atendimento aos hospitais e os exames necessários a ser feito. Contudo, a cultura indígena está acima dos conhecimentos médicos já que a comunidade tem sua etnia desde o

nascimento (Conrado et al., 2022); Resolutividade pela rede de atenção ao pré-natal indígena: Atualmente, no Brasil, o órgão governamental que se responsabiliza pelo atendimento à saúde indígena é a Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Ministério da Saúde dos povos indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à saúde indígena (SasiSUS) no Sistema Único de Saúde (SUS) (Conrado et al., 2022). São necessárias abordagens que reconhecem e valorizam os saberes tradicionais indígenas, integrando-os ao modelo biomédico de saúde, capacitação em saúde indígena, incluindo conhecimentos sobre culturas, línguas, comunicação intercultural e respeito aos saberes tradicionais, expansão da rede de serviços de saúde nas áreas indígenas, com foco na acessibilidade e flexibilidade de horários (Silva et al., 2023; Conrado et al., 2022). Além do envolvimento na organização dos serviços de saúde, desde a gestão até a elaboração de planos e conselhos municipais (Silva et al., 2023), utilização de linguagens e canais de comunicação adequados à realidade das comunidades indígenas (Sousa et al., 2022), adaptação dos modelos de atenção às características socioculturais e epidemiológicas de cada região indígena (Garnelo et al., 2019) e articulação com outros serviços sociais e da rede de atenção à saúde, garantindo acompanhamento integral às gestantes e seus bebês (Dias-Scopel et al., 2017; Kaminski et al., 2022). Conclusão: O acesso ao pré-natal de qualidade para mulheres indígenas na Amazônia Brasileira se configura como um desafio complexo e multifacetado, exigindo ações abrangentes, contextualizadas e com foco na interculturalidade. Através da análise dos artigos selecionados podemos identificar diversos obstáculos que impedem a plena realização desse direito fundamental à saúde, como: dificuldades de acesso, falta de profissionais qualificados, discriminação e etnoracismo. Superar esses desafios exige um compromisso contínuo com a promoção da saúde integral das mulheres indígenas, com ações intersetoriais que considerem as especificidades culturais e sociais na Amazônia Brasileira.

Palavras-chave: gestação; mulheres indígenas; cultura indígena; amazônia; brasil.